

ENVELHECIMENTO HUMANO E SUBJETIVIDADE: UM ESTUDO DE CASO

HUMAN AGING AND SUBJECTIVITY: A CASE STUDY

Simone da Cunha ABRANCHES¹
Paula Maria Ferreira FARIA²

RESUMO

Introdução: Este estudo é parte integrante do Projeto de Iniciação Científica do Curso de Psicologia da Faculdade Herrero e fundamentou-se nos referenciais teórico-epistemológicos da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, visando analisar a formação da subjetividade em indivíduos idosos na sociedade contemporânea. **Objetivo:** O objetivo geral desta pesquisa foi compreender como o envelhecimento é vivenciado na sociedade contemporânea. Como objetivos específicos, pretendeu-se identificar como os participantes vivenciam a construção de seu próprio processo de envelhecimento e esclarecer relações entre a constituição da subjetividade e o processo de envelhecimento em pessoas idosas na sociedade contemporânea. **Materiais e Métodos:** A pesquisa, de caráter qualitativo, relata um estudo de caso único do grupo da Faculdade Aberta da Maturidade (FAM) da Faculdade Herrero, onde foram analisados cinco encontros do grupo, ocorridos entre os meses de julho a setembro de 2023. **Resultados e Discussão:** Foram utilizados recursos que estimularam e promoveram a expressão artístico-criativa dos participantes, o que se coaduna ao referencial teórico-epistemológico da Psicologia Histórico-Cultural. O formato dos encontros permitiu a agência dos participantes, que assumiram o protagonismo das reflexões acerca do próprio processo de constituição da subjetividade durante o envelhecimento. **Considerações Finais:** Conclui-se que ao propiciar um espaço de expressão da subjetividade por meio das atividades artístico-criativas e da dialogia, as atividades desenvolvidas na FAM promoveram reflexões e discussões que contribuíram para a melhoria das relações de comunicação e interação social das pessoas idosas. Considera-se que, para compreender a constituição da subjetividade durante o envelhecimento, é imprescindível conhecer as formas de apreender e significar em seu contexto cultural e historicamente situado.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade, envelhecimento, Psicologia Histórico-Cultural.

ABSTRACT

Introduction: This study is part of the Scientific Initiation Project of the Psychology Course at Herrero College. It is grounded in the theoretical and epistemological principles of Vygotsky's Cultural-Historical Psychology, aiming to analyze the formation of subjectivity in elderly individuals in contemporary society. **Objective:** The general objective of this research was to understand how aging is experienced in contemporary society. Specific objectives included identifying how participants experience the construction of their own aging process and clarifying the relationships between the constitution of subjectivity and the aging process in elderly individuals in contemporary society. **Materials and Methods:** The research, of a qualitative nature, reports a single case study of the group at Faculdade Aberta da Maturidade (FAM) at Faculdade Herrero, where five meetings of the group were analyzed, which took place between the months of July and September 2023. **Results and Discussion:** Resources were used that stimulated and promoted the artistic-creative expression of the participants, which is in line with the theoretical-epistemological framework of Historical-Cultural Psychology. The format of the meetings allowed the agency of the participants, who took the lead in reflecting on the process of constituting subjectivity during aging. **Final Remarks:** It is concluded that by providing a space for the expression of subjectivity through artistic-creative activities and dialogue, the activities developed at FAM promoted reflections and discussions that contributed to the improvement of communication and social interaction relationships among elderly people. It is considered that, to understand the constitution of subjectivity during aging, it is essential to know the ways of apprehending and meaning in its cultural and historically situated context.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade Herrero – Curitiba/PR.

E-mail para correspondência: siabanches@gmail.com.

² Pós Doutoranda em Tecnologia e Sociedade, Doutora em Educação, Psicóloga, Pedagoga e Coordenadora do Curso de Psicologia da Faculdade Herrero – Curitiba/PR.

KEYWORDS: Subjectivity, aging, Cultural-Historical Psychology

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população é uma tendência mundial, impulsionada por fatores como o desenvolvimento da ciência e tecnologia nas áreas sanitária, médica e farmacológica^{1,2}. No Brasil, o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, indicou uma população idosa de 20,6 milhões, equivalente a 10,8% da população nacional. Recentemente, entretanto, o avanço da população idosa ultrapassou as estimativas oficiais, atingindo 30,3 milhões de pessoas com 60 anos ou mais em 2017, o que corresponde a 14,4% da população total brasileira³. No ano de 2019 a expectativa de vida dos brasileiros era de 76,6 anos de idade e o IBGE projeta que, em 2060, um terço dessa população será composta por idosos⁴.

Tais dados revelam uma realidade ambivalente: se, por um lado, o aumento da expectativa de vida representa uma conquista, configura também um grande desafio às demandas socioeconômicas, políticas e de saúde, em especial para países emergentes como o Brasil^{5,6,2}. Este aumento também projeta um novo perfil da população brasileira^{1, 7, 5,2}.

Faz-se importante, portanto, conhecer e refletir acerca das especificidades dessa etapa do desenvolvimento humano. O processo de envelhecimento envolve questões biológicas, psicológicas e sociais, compreendidas sob determinado contexto cultural e histórico: “como todas as situações humanas, ela tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história”^(8:15). Ao defender a compreensão do envelhecimento como um fato cultural, Beauvoir⁸ pondera que “a velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo”^(8:17), marcado por mudanças de todas as ordens – físicas, psicológicas, sociais, econômicas, etc. Diferentemente do que ocorre em outras etapas da vida, entretanto, a idade da velhice é ambígua e não possui marcos nítidos: “o momento em que começa a velhice é mal definido, varia de acordo com as épocas e lugares”^(8:9).

Para além das definições legais que atualmente determinam a velhice a partir dos 60 anos de idade⁹, envelhecer é um processo permeado por um imaginário social de negação e fantasia: “quando se é jovem, o envelhecimento e a velhice parecem realidades muito distantes, muito longínquas. Imaginamos e fantasiemos que só os outros é que irão envelhecer e somente o ser ao nosso lado ficará velho”^(10:7). No Brasil, o Estatuto da Pessoa Idosa é estabelecido pela Lei n. 10.741 e adota, tal como a Organização Mundial da Saúde (OMS)², a definição de pessoas idosas aquelas com idade igual ou superior a 60 anos⁹. Segundo Mascaró¹⁰, embora a cronologia não configure um indicador preciso do envelhecimento, a marca de 60 anos foi instituída.

[...] porque é em torno dessa idade que se acentuam as transformações biológicas típicas da terceira fase da vida. É também nesse momento que acontece o desengajamento do mundo do trabalho, ou seja, a aposentadoria, e também o descompromisso com alguns papéis tradicionais da vida adulta, como, por exemplo, aqueles decorrentes da emancipação dos filhos.^(10:41-2)

Faz-se importante ressaltar a alteração da nomenclatura que designa essa etapa do desenvolvimento. Recentemente o termo “idoso” foi substituído pela expressão “pessoa idosa” em todos os textos oficiais da legislação brasileira. A alteração da terminologia pretende dar maior visibilidade ao gênero feminino e também dirimir visões estereotipadas e preconceituosas acerca do envelhecimento.

Assim como outros termos masculinos, a palavra “idoso” é usada para designar genericamente todas as pessoas idosas, sejam homens ou mulheres – embora mulheres sejam maioria na população de mais de 60 anos, fenômeno conhecido como “Feminização do Envelhecimento”. Considerando não somente o respeito ao seu maior peso demográfico, mas também a necessidade de maior atenção estatal para a potencial dupla vulnerabilidade associada ao envelhecimento feminino, o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa –

CNDI – tem recomendado a substituição ora advogada em todos os textos oficiais. [...] Para além do maior respeito e melhor atenção às mulheres idosas, o termo “pessoa” também relembra a necessidade de combate à discriminação de gênero e à desumanização do envelhecimento, especialmente sensível para pessoas com demência ou deficiência, que dependem de cuidados de terceiros. Oriunda da linguagem “People First” essa terminologia reflete a luta dessas pessoas pelo direito à dignidade e à maior autonomia possível, luta que compartilham com pessoas com deficiência, que já garantiram tal reconhecimento em nossa legislação, após décadas de tratamento por nomes indignos e inadequados ^(3:3-4).

Nota-se, portanto, que a questão do envelhecimento não pode ser compreendida apenas teoricamente, separada da materialidade concreta da realidade vivenciada no cotidiano¹¹. Desse modo, compreende-se que “a idade é, antes de tudo, o conjunto de fenômenos que se prestam à observação e não o número de anos vividos” ^(11:4, tradução nossa). Os períodos de desenvolvimento ontogenético do homem estão inextricavelmente ligados à situação histórica concreta de seu desenvolvimento (situação social de desenvolvimento)¹¹. Assim, para compreender a velhice e o envelhecimento na sociedade contemporânea, é crucial conhecer as diversas formas de assimilar e significar a realidade dessa mesma sociedade.

Como ressaltam Antunes e Abreu ^(12:4), “efetivamente, os mais velhos são, sem dúvida, a faixa etária mais afetada pelas múltiplas mutações da sociedade atual”. De fato, o processo de envelhecimento envolve questões biológicas, psicológicas e sociais, compreendidas sob determinado contexto cultural e histórico. A contemporaneidade impõe demandas particulares a esse período da vida, que produzem e revelam novos modos de ser, sentir e estar no mundo. Nesse sentido, compreende-se que “as consequências do social para a vida humana sempre estão atravessadas pelos processos de subjetivação das pessoas implicadas nas tramas sociais” ^(13:19). Destaca-se que o estudo da subjetividade da pessoa idosa é uma questão emergente no âmbito da pesquisa em Psicologia, frente à alteração do perfil demográfico da população mundial.

Assim, esta pesquisa considera as relações entre a constituição identitária subjetiva e as condições objetivas de interação na sociedade contemporânea, enfatizando a constituição da subjetividade e a promoção de saúde da pessoa idosa. Desse modo, contribui para o bem-estar dos participantes da pesquisa por meio do autoconhecimento e da tomada de consciência em relação ao seu próprio desenvolvimento, bem como aporta conhecimentos relevantes à área psicológica, contribuindo para o entendimento dessa etapa do desenvolvimento humano.

Considerando esse cenário, o objetivo geral desta pesquisa é compreender como o envelhecimento é vivenciado na sociedade contemporânea. Como objetivos específicos, pretende-se identificar como os participantes da FAM vivenciam a construção de seu próprio processo de envelhecimento e esclarecer relações entre a constituição da subjetividade e o processo de envelhecimento em pessoas idosas na sociedade contemporânea.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia adotada nesta pesquisa foi de um estudo de caso do trabalho desenvolvido com os participantes da Faculdade Aberta da Maturidade (FAM), com a finalidade de compreender como os idosos lidam com a subjetividade, a partir de seu contexto histórico e cultural na sociedade contemporânea.

A Faculdade Aberta a Maturidade (FAM) faz parte de um projeto que se iniciou na Faculdade Herrero no ano de 2019, sendo coordenado por uma ex-aluna do curso de psicologia, em parceria com a coordenação e direção acadêmica. Devido a pandemia por Covid-19, o projeto precisou ser interrompido por motivo de força maior, visto que o público-alvo era composto, em sua grande maioria, por participantes da terceira idade. Portanto, atendendo as normas de vigilância em saúde vigentes à época, evitou-se aglomerações e conseqüentemente um maior risco de contágio. Neste presente ano, a FAM retomou as atividades, transformando-se em um campo de estágio social, sendo ofertado aos discentes do último ano do curso de Psicologia.

Os encontros iniciaram em abril de 2023 e aconteceram todas as segundas-feiras, das 14h às 17h, no anfiteatro da própria Instituição de ensino onde eram reunidos. A programação foi organizada pela equipe de estagiários em Psicologia do 10º período e a proposta do projeto é de que, semanalmente, fossem realizadas atividades diferenciadas, como palestras, dinâmicas, rodas de conversa, atividades práticas e de socialização com o objetivo maior de compartilhar conhecimento, exercitar a cognição, de forma a manter os idosos ativos e saudáveis, e principalmente permitir a troca de experiências entre os participantes.

Os encontros também contaram com a participação dos diferentes cursos da Instituição de Ensino Superior (IES), em sistema de escala. Periodicamente cada um dos cursos (Biomedicina, Enfermagem, Fisioterapia, Odontologia e Psicologia) era responsável, em datas especificadas no cronograma da IES, por organizar a realização das atividades da FAM, realizando um planejamento multidisciplinar conforme os princípios e a missão da IES, concebida enquanto Escola Superior de Saúde.

Considerando essa compreensão acerca da metodologia proposta, esta pesquisa envolveu um estudo de caso único do grupo da FAM e teve o caráter essencialmente qualitativo, com ênfase na observação e estudo documental de relatórios já produzidos pelo grupo de estagiários responsáveis pela organização da FAM, além da observação direta dos eventos sendo estudados¹⁴, onde foi possível utilizar contatos informais com os(as) participantes, quando necessário, como parte do processo, para complementação das informações.

Em atenção aos objetivos propostos, o estudo de caso analisou cinco encontros da FAM, ocorridos entre os meses de julho a setembro de 2023, que abordaram a temática específica da subjetividade da pessoa idosa. Segundo Yin¹⁴ o estudo de caso, como método, pode ser utilizado em diferentes contextos, o que contribui para o conhecimento de fenômenos complexos que vão além dos sociais, englobando também os individuais, grupais, organizacionais e outros, sendo comum também às várias áreas do conhecimento como às ciências humanas, sociais e naturais. De acordo com Yin^(14:43), “como outros métodos, é uma maneira de investigar um tópico empírico seguindo um conjunto de procedimentos preespecificados”. Nesse sentido, é importante esclarecer que “um caso pode ser um grupo de sujeitos, uma comunidade, um hospital, uma empresa ou uma sala de aula, por exemplo, e não apenas um único indivíduo, ao contrário do que se poderia pensar a princípio”^(15:111).

Os critérios de inclusão abrangeram pessoas idosas com idade igual ou superior a 60 anos, participantes da Faculdade Aberta da Maturidade (FAM) da Faculdade Herrero, e que voluntariamente aceitaram participar da pesquisa, através do preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os critérios de exclusão envolveram pessoas que não sejam idosas (menos de 60 anos), que não frequentassem a FAM e que não desejassem participar da pesquisa. Ressalta-se que a participação das atividades da FAM não implicou necessariamente na adesão de seus (suas) participantes à esta pesquisa. A identidade dos participantes foi preservada por meio da utilização de nomes fictícios para cada sujeito.

Os dados para este estudo de caso foram levantados por meio dos registros dos encontros, incluindo a ficha de inscrição dos participantes e relatórios produzidos ao final de cada encontro pela equipe de estagiários; além disso, foram também utilizados dados observacionais registrados em um diário de campo pelas pesquisadoras. Posteriormente, os dados foram discutidos e fundamentados nos pressupostos teórico-epistemológicos da Psicologia Histórico-Cultural^{16,17,18}, que apresentou significativa importância na definição e construção dos conceitos discutidos nesta análise entre outros pensadores que elaboraram trabalhos pertinentes ao assunto sobre a subjetividade da pessoa idosa e o envelhecimento humano.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Herrero, sob o CAAE 72985723.1.0000.5688.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Faculdade Aberta da Maturidade (FAM) é formada por um grupo de 30 participantes, sendo dois homens e 28 mulheres, com idades entre 65 a 90 anos,

majoritariamente do gênero feminino. O quadro 1 sumaria alguns dados sociodemográficos deste grupo.

Quadro 1 – Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa.

NOME	GÊNERO	IDADE	ESTADO CIVIL
Narciso	M	81	casado
Rosa	F	74	casada
Margarida	F	69	casada
Tulipa	F	71	casada
Orquídea	F	65	divorciada
Girassol	F	69	viúva
Gerânio	F	73	solteira
Cravo	M	74	casado
Hortência	F	70	casada
Azaleia	F	69	viúva
Jasmim	F	77	viúva
Petúnia	F	67	viúva
Angélica	F	79	casada
Dália	F	68	divorciada
Malva	F	84	viúva
Lavanda	F	78	viúva
Verbena	F	72	viúva
Íris	F	85	-
Zínia	F	72	separada
Bromélia	F	73	casada
Kalanchoe	F	74	solteira
Ipê	F	80	viúva
Begônia	F	74	casada
Camélia	F	75	divorciada
Acácia	F	80	solteira
Violeta	F	90	viúva
Cerejeira	F	70	separada
Hibisco	F	75	viúva
Damasco	F	66	casada
Crisântemo	F	77	divorciada

Fonte: As autoras, 2023

O quadro 1 permite observar o total de 30 participantes cuja idade média é de 74 anos. Evidencia-se uma baixa presença de indivíduos na faixa etária entre 80 à 90 anos, o que pode ser atribuída à correlação existente entre o grau de dependência funcional e a presença de comorbidades. Esta associação pode ser explicada pelo aumento da idade, uma vez que tais fatores podem exercer restrições significativas sobre a capacidade de acesso e engajamento dos idosos nos encontros em grupo¹⁹.

Sobre o estado civil, a maioria dos participantes declararam ser casados (33,3%) viúvos (33,3%), divorciados (13,3%), separados (6,7%) e solteiros (10%) e não informado (3,3%). Mesmo não havendo diferença entre os participantes casados e viúvos, pode-se aventar que o predomínio significativo de mulheres viúvas se justifica por uma elevada progressão da expectativa de vida feminina em detrimento da masculina²².

Sobre a situação profissional, um número expressivo de participantes se declarou aposentado (80%), dona de casa (13,3%), pensionista (3,3 %) e não informou (3,3%). Pode-se compreender a

aposentadoria como um direito que assegura ao idoso uma renda mínima para satisfazer suas necessidades básicas²² assim como usufruir do tempo livre dedicando-se a atividades mais satisfatórias como o lazer. A opção pelo lazer, neste período do desenvolvimento, pode ser considerada uma mudança positiva “pois permite aos idosos reorganizar seus projetos e planos de vida dando um novo significado”^{23:312}. No estudo conduzido por Rizzolli e Surdi²⁴, cujo propósito era a investigação da percepção de idosos em relação ao convívio em grupos de terceira idade, os pesquisadores observaram que os indivíduos mantinham uma perspectiva positiva acerca dessa experiência e como resultado, consideraram que a participação ativa deste público nos grupos, desempenhava um papel crucial na promoção de mudanças benéficas no estilo de vida dos participantes.

Dentre os encontros que ocorreram na FAM, foram selecionados cinco, que abordaram a temática específica da subjetividade da pessoa idosa e que foram trabalhados no formato de Oficinas, onde em cada uma, foi realizada uma atividade diferente. O quadro 2 apresenta o título das oficinas, além da descrição destas e as atividades mediadoras.

Quadro 2 – Cronograma específico dos 5 encontros

OFICINAS	DESCRIÇÃO	ATIVIDADE MEDIADORA
Oficina 1	Retomada de perspectivas futuras nas memórias do passado.	Vivência e discussão a partir de vídeo.
Oficina 2	Mudanças geracionais nas formas de interação social.	Vivência e discussão a partir de caixa com objetos e ícones.
Oficina 3	Percepção do processo de envelhecimento e constituição identitária enquanto pessoa idosa.	Vivência e discussão a partir de músicas trazidas pelos estagiários e sugeridas pelos(as) participantes.
Oficina 4	Autopercepção sobre o processo de comunicação no envelhecimento.	Vivência e discussão a partir do completamento de frases.
Oficina 5	Identidade e sentidos do envelhecer para si.	Vivência e discussão a partir de pintura livre (tinta guache).

Fonte: As autoras, 2023

Na oficina 1, os participantes assistiram ao curta-metragem “L'altra par”. Ele descreve como as pessoas se isolam na tecnologia e deixam de conviver. Após o término do filme, foi realizada uma roda de conversa, onde foram debatidas a percepção dos idosos em relação à esta temática e a forma destes em compreender, encarar e adotar as novas tecnologias em suas vidas. A utilização do aparelho celular foi uma das mais citadas pelo grupo.

Os participantes elencaram, respectivamente, aspectos positivos e negativos como: “*poder falar com os filhos que moram longe*” (Tulipa); “*na minha época era disco de vinil, hoje escuto minhas músicas a qualquer hora pelo celular*” (Girassol); “*informação rápida e de fácil acesso*”(Narciso); “*pesquisei tudo pelo Dr. Google*” (Hortência); “*fico vendo vídeos engraçados*” (Petúnia); “*resolvo tudo pelo aplicativo do banco, nem vou mais à agência*” (Lavanda); “*as pessoas passam muito tempo no celular, não interagem tanto quanto antigamente*” (Bromélia); “*tenho medo das fakes news*”(Begônia); “*tenho ainda dificuldade com a tecnologia*” (Acácia).

É possível aventar que atualmente a internet desempenha um papel significativo na inserção social das pessoas idosas, oferecendo perspectivas inovadoras para interações sociais e ressaltando a importância fundamental do acesso, uso e familiarização com recursos tecnológicos, no contexto do processo de envelhecimento²⁵.

Na oficina 2, os participantes teriam que escolher um objeto, dentre vários dispostos em uma caixa, e anotar em um pedaço de papel o nome dele. Assim que todos escolhessem, a mediadora da atividade ia tirando um objeto por vez e perguntando aos alunos quem o escolheu. Cada um teria que falar o porquê escolheu aquele objeto e também o que ele significava para si. De acordo com Halbwachs²⁶ “nem sempre encontramos lembranças que procuramos, porque temos de esperar que as circunstâncias, sobre as quais nossa vontade não

tem muita influência, as despertem e as representem para nós ^(26:53). Portanto, esta atividade possibilitou que os objetos atuassem como disparadores para a discussão do grupo, sendo possível observar a forma como os participantes se relacionaram com aqueles que foram apresentados, permitindo criar uma conexão que despertasse memórias ou sentimentos remetendo ao seu passado.

Na Oficina 3, os participantes deveriam pensar em uma música que marcou sua vida. A música foi tocada durante o encontro e ao final, cada participante falava o nome e a importância dela em sua vida. Isto fez com que os participantes pudessem compartilhar memórias, alegrias, perdas e reencontros. A partir disso, compreende-se que a música, como uma manifestação criativa intrínseca ao ser humano, confere significados por meio de vivências e atividades, enriquecendo assim o processo de sociabilização e interação. Nesse contexto, os idosos, por meio da música, tiveram a capacidade de estabelecer conexões além de expressarem suas emoções ²⁷.

Na Oficina 4, a equipe de estagiários trouxe uma caixa com algumas frases, e cada participante deveria escolher uma para ler em voz alta e completá-la e depois outros participantes poderiam acrescentar com a mesma frase sorteada pelo colega. A dinâmica trouxe momentos de reflexões, autorreflexões, descobertas de talentos, sentimentos, qualidades e virtudes. Pode-se compreender que a prática de autorreflexão por parte do participante, desempenha um papel significativo na promoção da construção de modalidades de interação e vivências do sujeito consigo mesmo nos contextos pedagógicos ²⁸.

Na Oficina 5, os participantes foram acomodados nas mesas que foram abastecidas com tinta guache, pinceis e papel sulfite. A atividade se deu da seguinte maneira: os alunos ouviram algumas músicas selecionadas pela equipe de estagiários, prestaram atenção em memórias, lembranças e sentimentos que alguma delas pudesse trazer, e a partir disso, cada um produziu uma pintura, como se estivesse pintando uma tela. Após o término, foram apresentadas todas as pinturas aos demais, e cada autor da arte explicou o significado da sua produção, que consistia em manifestações subjetivas dos participantes. Tais imagens facultaram ao indivíduo a oportunidade de expressar-se de forma singular, conferindo, assim, uma nova significação à sua própria experiência existencial ²⁹.

A reconfiguração da subjetividade foi promovida pela expansão das interações do grupo, sendo uma oportunidade facilitada durante a execução das atividades na FAM. Esse processo se intensificou significativamente durante as exposições das obras, nos quais os participantes engajaram-se em diálogos com diversas pessoas e receberam considerável apreço e reconhecimento social ³⁰.

A utilização dos recursos que estimulassem e promovessem a expressão artístico-criativa dos participantes coaduna-se ao referencial teórico-epistemológico da Psicologia Histórico-Cultural. De acordo com tais pressupostos, a elaboração do fenômeno estudado, neste caso, a constituição da subjetividade durante o envelhecimento, deve resultar da autoexpressão dos participantes e de uma postura construtivo-interpretativa adotada no grupo ^{31,32}. Constatou-se que o formato dos encontros permitiu a agência dos participantes, que assumiram o protagonismo das reflexões acerca do próprio processo de constituição da subjetividade durante o envelhecimento.

A valorização do protagonismo dos participantes influenciou sobre o interesse, a participação e as reflexões dialógicas desenvolvidas no grupo. Isso destaca a importância fundamental da interação social na formação da identidade do sujeito. Ao ressaltar a dimensão social que permeia toda atividade humana, tal compreensão vincula-se à lei geral do desenvolvimento postulada por Vigotski ^{17:58}: “um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal. [...] Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos”.

Em suma, a análise do grupo da FAM revela que a subjetividade da pessoa idosa é afetada pelas mudanças que marcam o desenvolvimento humano durante o envelhecimento. Nos termos vigotskianos, a situação social de desenvolvimento 16,18 pavimenta e impulsiona a constituição e a expressão da subjetividade. Evidencia-se, assim, a importância das condições sociais sobre o desenvolvimento psicológico em todas as etapas da vida humana – neste caso, em especial o envelhecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa foi possível compreender a constituição da subjetividade de pessoas idosas, contribuindo para a sensibilização não apenas da comunidade acadêmica, mas da sociedade em geral, para a temática do envelhecimento no Brasil. Configura-se, assim, uma contribuição voltada à promoção de condições de inclusão social que repercutam sobre a qualidade de vida e a saúde das pessoas idosas. Por isso, ao propiciar um espaço de expressão da subjetividade por meio das atividades artístico-criativas e da dialogia, as atividades desenvolvidas na Faculdade Aberta da Maturidade (FAM) promoveram reflexões e discussões que contribuíram para a melhoria das relações de comunicação e interação social das pessoas idosas.

Os encontros permitiram aos participantes ressaltarem a influência social exercida pela família e comunidade, bem como a maneira como se percebem, sua autonomia e preferências. Além disso, destacaram a oportunidade de expressar-se por diversas formas. Os relatos enfatizaram a importância do diálogo nos encontros do grupo, uma vez que atuam como promotores de reflexões pessoais, estabelecendo uma conexão direta com os valores individuais dos participantes, promovendo um profundo senso de pertencimento e reforçando seu papel como indivíduos no mundo, dotados de agência em suas próprias histórias.

Uma das limitações deste estudo é o tamanho da amostra, que foi relativamente pequena e também a redução do recorte dos encontros analisados. Sugere-se, para futuras pesquisas, incluir um número maior de participantes, além da necessidade de analisar outras atividades que também possam compreender de forma mais aprofundada, a subjetividade no processo do envelhecimento, acrescentando dados mais significativos.

Considera-se que, para compreender a constituição da subjetividade durante o envelhecimento, é imprescindível conhecer as formas de apreender e significar em seu contexto cultural e historicamente situado. A proposta de trabalho também possibilitou tornar os idosos participantes, agentes de transformação de sua própria história e do seu meio social e multiplicadores do conhecimento, além de promover a troca de experiência e saberes entre a equipe de estagiários, oportunizando um diferente olhar quanto às experiências de envelhecer, em todas as suas nuances e contrastes, contribuindo também para uma formação que leve a novas formas de pensar e produzir a psicologia e pesquisa.

REFERÊNCIAS

1. Bazza AB. A constituição da subjetividade no discurso do idoso sobre si. *Ling (dis)curso* [Internet]. 2016; (3):449–64. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-160305-1416>
2. Organização Pan-Americana da Saúde. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Brasília, DF: WHO, 2005. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf
3. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social. Estratégia Brasil amigo da pessoa idosa: documento técnico. Brasília, DF: OPAS; OMS; Ministério do Direitos Humanos; Ministério da Saúde; Ministério do Desenvolvimento Social, 2018. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/Brasil_Amigo_Pessoa_Idosa/Documento_Tecnico_Brasil_Amigo_Pessoa_Idosa.pdf
4. Brasil. Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos. Fatos e números: idosos e família no Brasil. Brasília, DF: Observatório Nacional da Família, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/observatorio-nacional-da-familia/fatos-e-numeros/idosos-e-familia-no-brasil.pdf>
5. Miranda GMD, Mendes A da CG, Silva ALA da. O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. *Rev bras geriatr gerontol* [Internet]. 2016;19(3):507–19. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-98232016019.150140>
6. Santos PA dos, Heidemann ITSB, Marçal CCB, Arakawa-Belaunde AM. A percepção do idoso sobre a comunicação no processo de envelhecimento. *Audiol, Commun Res* [Internet]. 2019;24:e2058. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2018-2058>

7. Kachar V. Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. *Kairós-Gerontologia* [Internet]. 2023;13(2). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/5371>
8. Beauvoir S de. *A velhice*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
9. Brasil. Presidência da República. Secretaria Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n. 14.423, de 22 de julho de 2022. Altera a Lei no 10.741, de 1º de outubro de 2003, para substituir, em toda a Lei, as expressões “idoso” e “idosos” pelas expressões “pessoa idosa” e “pessoas idosas”, respectivamente. *Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 22 de julho de 2022*. p. 1. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2022/Lei/L14423.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.423%2C%20DE%2022,%E2%80%9Cpessoas%20idosas%E2%80%9D%2C%20respectivamente
10. Mascaro SA de. *O que é velhice*. 2. reimp. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2004.
11. Tolstij A. *El hombre y la edad*. San José: Editorial Progreso, 1989.
12. Antunes MC, Abreu V. As novas tecnologias na promoção do envelhecimento bem-sucedido. *Rev Ens. Tecnol* [Internet] 2017;1(1):3-15. Disponível em: <https://doi.org/10.3895/etr.v1n15885>
13. González Rey FL. A saúde na trama complexa da cultura, das instituições e da subjetividade. In: González Rey FL, Bizerril, J. *Saúde, cultura e subjetividade: uma referência interdisciplinar*. Brasília: UniCEUB, p. 9-33, 2015. Disponível em: https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/5756/1/Sa%C3%BAde_Cultura_Subjetividade.pdf
14. Yin RK. *Estudo de caso: planejamentos e métodos*. Tradução de: Thorell A. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.
15. Peres RS, Santos MA dos. Considerações gerais e orientações práticas acerca do emprego de estudos de caso na pesquisa científica em Psicologia. *Interações*. 3(20): 109-126, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000200008&lng=pt&nrm=iso
16. Vigotski LS. Quarta aula: a questão do meio na pedagogia. Tradução de: Vinha, M. P. *Psicologia USP*. 21(4):681-701, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000400003>
17. Vigotski LS. *A formação social da mente*. 7. ed., 9. reimp. Tradução de: Cipolla Neto J, Barreto LSM, Afeche SC. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
18. Vigotski LS. *Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia*. Tradução e organização de: Prestes Z, Tunes, E. Rio de Janeiro: E-papers, 2018.
19. Andrade AN do, Nascimento MMP do, Oliveira MMD de, Queiroga RM de, Fonseca FLA, Lacerda SNB, et al. Percepção de idosos sobre grupo de convivência: estudo na cidade de Cajazeiras-PB. *Rev bras geriatr gerontol* [Internet]. 2014;17(1):39–48. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1809-98232014000100005>
20. Sousa NF da S, Lima MG, Cesar CLG, Barros MB de A. Envelhecimento ativo: prevalência e diferenças de gênero e idade em estudo de base populacional. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 2018;34(11): e00173317. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311XER173317>
21. Wichmann FMA, Couto AN, Areosa SVC, Montañés MCM. Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde. *Rev bras geriatr gerontol* [Internet]. 2013;16(4): 821-32. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1809-98232013000400016>.
22. Silva HO e, Carvalho MJAD de, Lima FEL de, Rodrigues LV. Perfil epidemiológico de idosos frequentadores de grupos de convivência no município de Iguatu, Ceará. *Rev bras geriatr gerontol* [Internet]. 2011;14(1):123–33. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000100013>
23. Reis C.W.dos, Facci MGD. A velhice sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. In: *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice*. 2. ed. Campinas: Editora Autores Associados BVU; 2016.p. 293-318.
24. Rizzolli D, Surdi AC. Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. *Rev bras geriatr gerontol* [Internet]. 2010;13(2):225–33. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1809-98232010000200007>.

25. Diniz JL, Moreira ACA, Teixeira IX, Azevedo SGV, Freitas CASL, Maranguape IC. Inclusão digital e o uso da internet pela pessoa idosa no Brasil: estudo transversal. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2020;73: e20200241. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0241>.
26. Halbwachs M. Memória coletiva. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2009.
27. Penna M. Música(s) e seu ensino. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015
28. Zamperetti MP. Formação Docente e Autorreflexão: prática pedagógicas coletivas de si na escola Pelotas. Tese [Doutorado em Educação] - Universidade Federal De Pelotas; 2012. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/1659>.
29. Jardim VCF da S, Vasconcelos EMR de, Vasconcelos CMR de, Alves FAP, Rocha KA de A, Medeiros EGMS de. Contribuições da arteterapia para promoção da saúde e qualidade de vida da pessoa idosa. *Rev bras geriatr gerontol* [Internet]. 2020;23(4): e200173. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-22562020023.200173>.
30. Yokoy T, Guedes DS. Ateliê de pintura com idosos acolhidos: uma perspectiva sociocultural do curso de vida. *Av. Psicol. Latinoam* [Internet]. 2019;37(3): 247-61. Disponível em: <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.7961>.
31. González Rey FL. Subjetividad, cultura e investigación cualitativa em psicologia: la ciência como producción culturalmente situada. *Liminales. Escritos sobre psicologia y sociedad*. 2(4): 13-36, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.54255/lim.vol2.num04.233>
32. González Rey FL. A Epistemologia Qualitativa vinte anos depois. In: Martínez AM, González Rey FL, Puentes RV, orgs. *Epistemologia Qualitativa e teoria da subjetividade: discussões sobre educação e saúde*. Uberlândia: EDUFU, p. 21-45, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/30262>